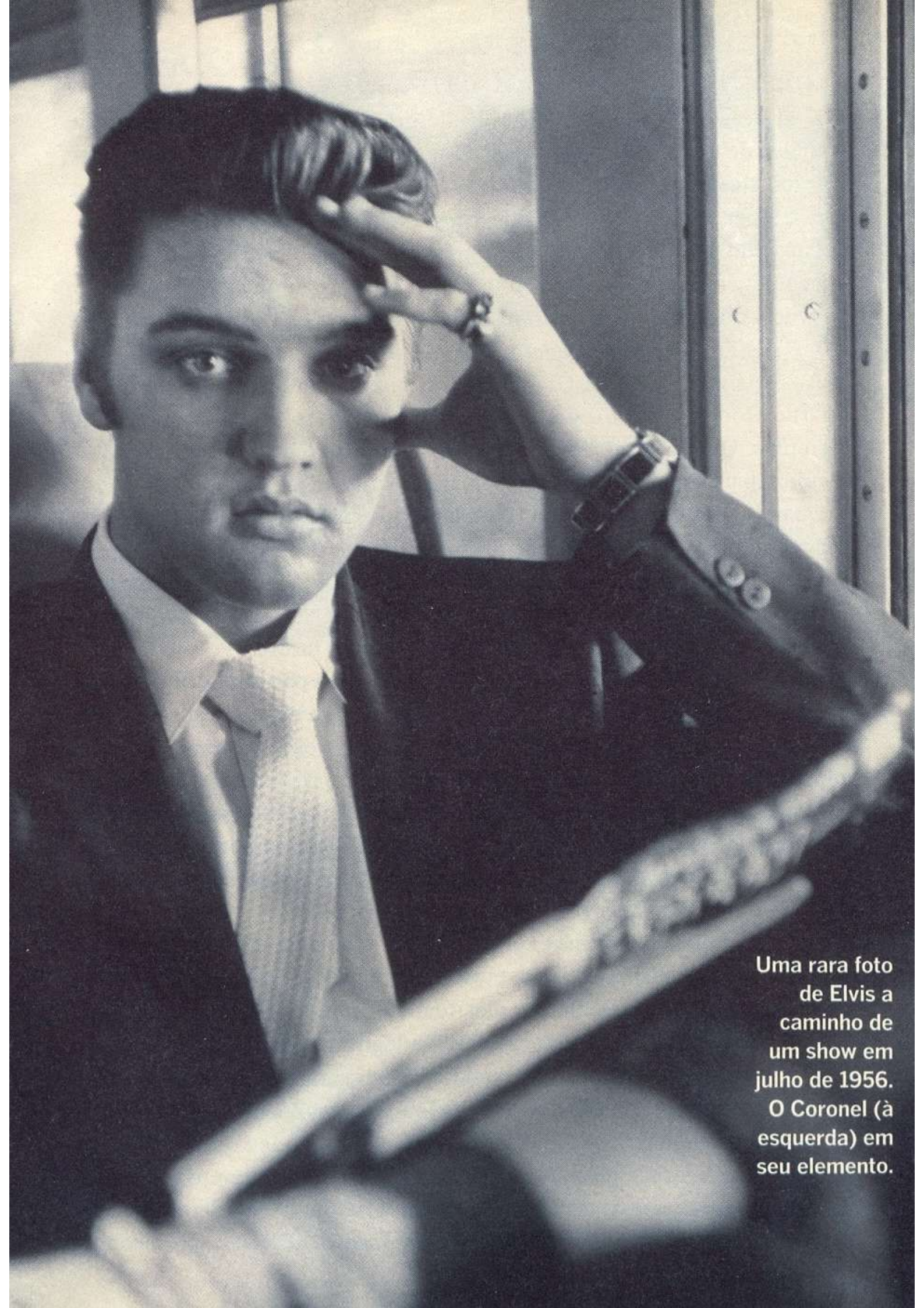


O Coronel e o Rei



Era uma dupla perfeita: o gênio musical em estado bruto e o empresário artilheiro. E, à medida que Elvis mergulhava na excentricidade e nas drogas, o poder de Tom Parker aumentava.

POR ALANNA NASH



Uma rara foto de Elvis a caminho de um show em julho de 1956. O Coronel (à esquerda) em seu elemento.

"ELES NUNCA ME DERROTARAM"

NA TARDE QUENTE E ABAFADA de 15 de agosto de 1977, Elvis Presley tirou o pijama de seda azul. Com a ajuda do primo Billy Smith, vestiu um casaco esportivo preto, uma camisa de seda branca e botas de couro pretas, com o zíper aberto, por causa dos tornozelos inchados.

Por volta das 22h30, depois de um passeio de motocicleta com a namorada, Ginger Alden, o cantor enfiou duas pistolas automáticas calibre 45 na cintura da calça de moletom. Em seguida, colocou os óculos escuros cromados, feitos especialmente para ele, e sentou-se ao volante de seu Stutz. Acompanhado de Ginger, Smith e um membro de seu séquito, Charlie Hodge, Elvis dirigiu até o consultório de seu dentista, em East Memphis. Queria fazer um tratamento dentário antes de viajar na noite seguinte para Portland, no Maine, iniciando uma turnê de 12 dias.

Quando o grupo retornou a Graceland por volta da meia-noite, Elvis e Ginger subiram, e Smith foi para o *trailer* em que morava, dentro da propriedade. Aproximadamente às 2 horas, Elvis falou com Larry Geller, talvez seu melhor amigo. Segundo ele, Elvis estava "de muito bom humor, ansioso para sair em turnê, fazendo planos para o futuro". Por volta das 4 horas, Elvis se sentiu disposto o bastante para uma partida de raquetebol, e chamou Smith e a mulher, Jo, para se juntarem a ele e Ginger. No momento em que se dirigiam para a quadra privativa de Elvis, uma chuva fina começou a cair.

"Não tem problema. Vou dar um jeito nisso", ele disse, e estendeu as mãos como se fosse fazer a chuva parar. Milagrosamente, recordou Smith, a chuva parou. "Não falei?", exclamou Elvis. "Com um pouquinho de fé, a gente pode fazer parar de chover."

Apesar daquela repentina explosão de energia, Elvis estava exausto em consequência de diversos dias de uma dieta à base de gelatina, a mais recente de uma série de desesperadas tentativas de emagrecer o bastante para vestir suas roupas de espetáculo. Ele logo se cansou e os dois casais resolveram apenas brincar, acertando a bola uns nos outros. Mas a brincadeira acabou quando Elvis sacou de mau jeito e golpeou a canela com a própria raquete.

Já na casa, Smith lavou e secou o cabelo do primo. Enquanto conversavam, Elvis mostrava-se obcecado com um novo livro que detalhava sua decadência física, intitulado *Elvis: what happened?* (Elvis: o que aconte-

Nasce o astro



Elvis com cerca de 12 anos (à esquerda) e no palco, em 1955.

1935 Elvis Aaron Presley nasce em 8 de janeiro, em East Tupelo, Mississippi. Ganha o primeiro violão aos 11 anos. Em 1948, a família se muda para Memphis.

1954 Elvis começa a cantar profissionalmente no ano seguinte àquele em que termina o ensino médio.

1955 Aceita o Coronel Tom Parker como empresário.

ceu?). O livro revelava o quanto o Rei havia se tornado dependente de drogas como anfetaminas e sedativos. Furioso, Elvis dizia que ia trazer os autores – seus ex-guarda-costas Red West, Sonny West e Dave Hebler – a Graceland e os mataria com as próprias mãos. Não conseguia entender como eles haviam tido a coragem de traí-lo. Depois, mais calmo, ensaiou as palavras que planejava dizer no *show*, caso os fãs – chocados por sabermos que seu ídolo gastava cerca de 1 milhão de dólares por ano com o vício em remédios – o recebessem com vaias.

– Eles nunca me derrotaram – disse –, e não vão me derrotar agora. – Smith sabia o que ele queria dizer. – Mesmo que eu tenha de subir lá e admitir que é tudo verdade.

Entorpecido e extenuado, Elvis começou a chorar.

– Está tudo bem – Smith tranqüilizou-o. – Vai dar tudo certo.

Quando Smith já estava de saída, Elvis virou-se para ele e garantiu:

– Billy... essa vai ser a melhor de todas as minhas turnês.

Às 7h45, o cantor engoliu quatro ou cinco comprimidos para dormir, pela segunda vez em duas horas. Fazia muito Elvis era atormentado pela insônia, que começara ainda na infância e piorara com as drogas e os ho-

rários desregrados de astro do *rock*. Uma terceira dose viria em seguida. Desde a véspera ele não comia nada sólido.

Por volta das 8 horas, Elvis deitou-se ao lado de Ginger. A rainha da beleza de Memphis, então com 20 e poucos anos, lembra-se de que acordou e encontrou o namorado agitado, preocupado com a turnê.

- Querida - disse-lhe Elvis -, vou ler um pouco no banheiro.

Ginger se mexeu na cama.

- Tudo bem, mas não vá pegar no sono.

- Não se preocupe. Não vou dormir.

No banheiro, Elvis apanhou um livro sobre o santo sudário, *The scientific search for the face of Jesus* (A busca científica pelo rosto de Jesus), e esperou que os remédios fizessem efeito.

TODOS OS HOMENS DO REI

ENQUANTO EM MEMPHIS o dia de Elvis chegava ao fim, o do Coronel Tom Parker começava agitado em Portland. Parker gerenciava a carreira de Elvis desde meados da década de 50, negociando lucrativos contratos - de discos com a gravadora RCA e de filmes com os estúdios de Hollywood. Aos poucos, porém, Parker - um imigrante ilegal holandês, ex-empregado de parques de diversões - passou a tomar conta de quase todos os aspectos da vida do astro. Havia cuidado de cada detalhe da cerimônia de casamento de Elvis com Priscilla Beaulieu, em 1º de maio de 1967. Acompanhava o círculo de amigos do cantor e tentava até decidir que livros ele podia ler.

Às vezes Elvis reclamava da incessante interferência do Coronel. Mas, quando Parker fechava a questão, Elvis se tornava dócil de novo. "O Coronel dizia a ele: 'Você precisa se comportar. Não se exceda'", contou Larry Geller. Jerry Leiber, que compôs muitos sucessos para Elvis, percebia que o cantor "venerava [Parker] como um criador e salvador", mas "o desprezava porque nunca lhe permitira assumir o controle da própria vida".

Agora, na véspera da turnê, Parker estava enfurnado num hotel, em Portland, supervisionando o trabalho dos seus homens. Um deles, Lamar Fike, que viera de Los Angeles num vôo noturno, imediatamente começou a trabalhar, organizando a segurança e providenciando acomodações no hotel para a banda e o restante da equipe.

Pouco antes do meio-dia de 16 de agosto, Billy Smith chegou a Graceland e falou com um dos assistentes de Elvis, Al Strada, que estava emba-

lando o guarda-roupa do cantor. Smith perguntou se alguém já tinha visto o chefe. Al disse que não, que Elvis não queria ser acordado antes das 16 horas. Smith se perguntou se um dos Stanleys, meios-irmãos de Elvis, teria procurado saber se ele estava bem. Começou a subir as escadas, mas se deteve. *Não, pensou. É melhor deixá-lo descansar. Ele está precisando.*

Às 14h20, Ginger virou-se na imensa cama e a encontrou vazia. Será que Elvis não se deitara? O abajur na cabeceira ainda estava aceso. Ginger bateu na porta do banheiro. “Elvis?” Não houve resposta. Ela girou a maçaneta e entrou. Elvis estava caído no chão de joelhos, as mãos no rosto, quase numa postura de oração. Inexplicavelmente, ele caíra naquela posição grotesca. Mas por que não lhe respondera? Ginger chamou de novo: “Elvis?”

Ele estava estranhamente imóvel. Ginger se curvou para tocá-lo. Estava frio, o rosto inchado enterrado no tapete vermelho felpudo, as narinas respingadas de sangue. A pele tinha manchas de um roxo quase negro. Sem querer crer no pior, Ginger apertou o botão do interfone, que tocou na cozinha. Logo falava com Al Strada: “Al, preciso de você!... Elvis desmaiou!”

Strada correu escada acima, olhou a cena e chamou Joe Esposito, outro assistente. Esposito subiu correndo e virou de lado o corpo de Elvis. Ele já sabia a verdade, mas mesmo assim chamou a ambulância.

Fama e fortuna



Elvis com os pais e em sua casa, 1957.

1956 Faz o primeiro filme, *Ama-me com ternura*. Os sucessos daquele ano incluem *Heartbreak Hotel*, *Blue suede shoes* e *Don't be cruel*. A revista *Variety* elege Elvis o Rei do Rock'n'Roll.

1957 Compra Graceland, a mansão de 23 quartos que agora recebe mais de 600 mil visitantes por ano.

Joe então telefonou para o Dr. Nick – Dr. George Nichopoulos, o principal médico do cantor – com a notícia de que Elvis sofrera um ataque cardíaco. Enquanto a ambulância cruzava os portões com a sirene ligada, o andar superior se enchia de gente: Charlie Hodge, chorando e implorando a Elvis que não morresse; o pai de Elvis, Vernon, que desmaiou; a filha de Elvis, Lisa Marie, então com 9 anos, que viera da Califórnia visitar o pai e espiava tudo de olhos arregalados.

– O que houve com ele? – perguntou um dos paramédicos, Ulysses Jones. Al Strada respondeu a verdade:

– Parece que foi *overdose*.

No Baptist Memorial Hospital, a equipe da Emergência fez tudo que pôde. Mas não houve providência, frenética ou heróica, capaz de salvar o senhor de Graceland. Por fim, o Dr. Nick, com o rosto muito pálido, surgiu na sala de espera onde Esposito se encontrava com Hodge, Strada, Smith e David Stanley. “Ele se foi”, disse o médico a quem posteriormente o Conselho de Medicina do Tennessee condenaria por receitar cerca de 12 mil medicamentos a Elvis num período de 20 meses. “Não está mais entre nós.” Diante dessa notícia, os homens começaram a chorar sem constrangimento, abraçando-se uns aos outros em busca de conforto. Aos 42 anos, Elvis Presley estava morto.

UMA CANÇÃO SOBRE A MORTE

DO HOSPITAL, JOE ESPOSITO ligou para o Coronel, no Maine.

– Tenho uma notícia terrível para lhe dar – começou Joe, com a voz trêmula. – Elvis morreu.

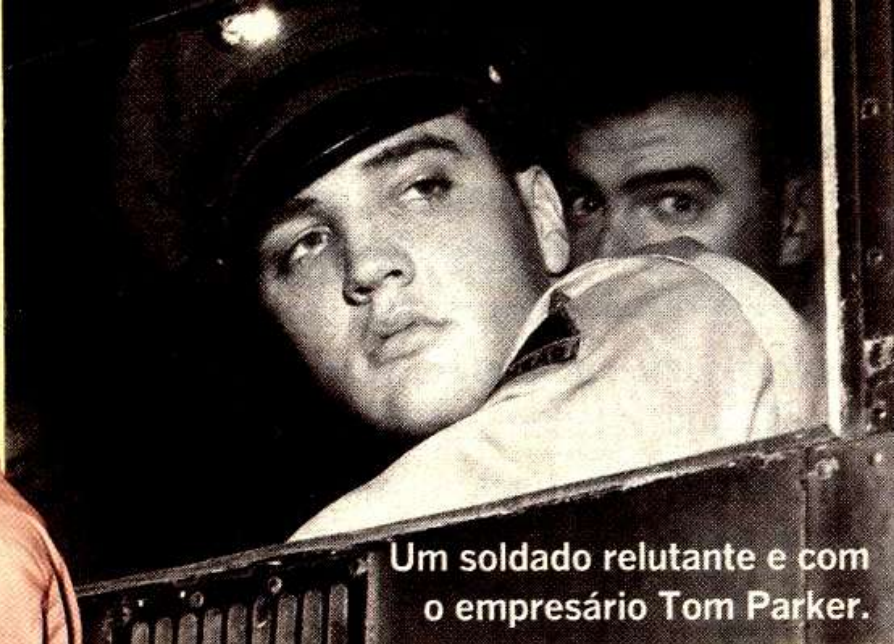
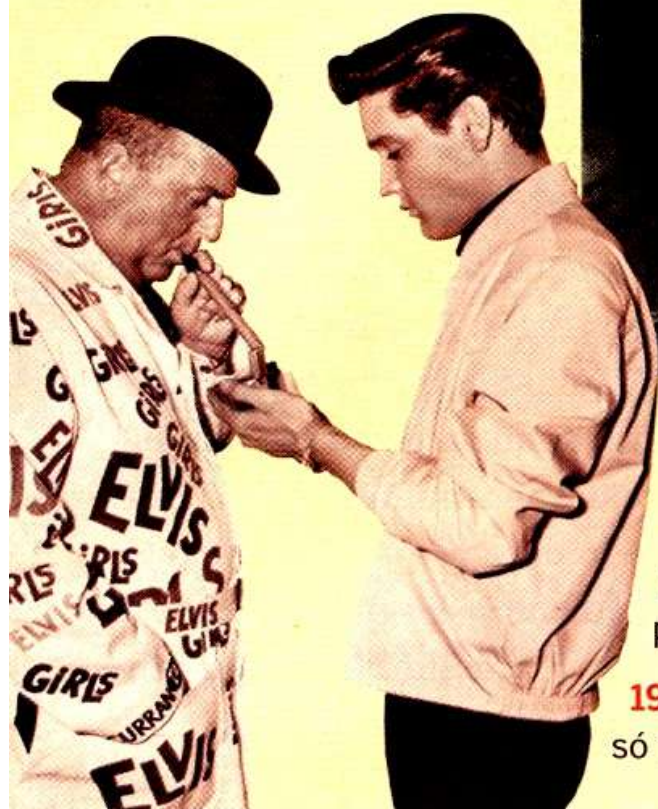
Trinta segundos, talvez mais, passaram-se antes que Parker falasse.

– OK, Joe – disse finalmente o empresário, a voz inalterada, desprovida de emoção. – Estaremos aí o mais depressa possível.

Esposito sentiu que, por baixo daquela calma, o Coronel estava abalado. “Como eu”, Joe mais tarde escreveria, “ele fez o que era preciso: cancelou a turnê e avisou a todos que estava tudo acabado.”

Minutos depois, os homens do Coronel foram chamados ao seu quarto no hotel. “Quando entrei”, contou Lamar Fike, “ele estava sentado na cama, desligando o telefone. Todos olhavam para o chão. Eu perguntei: ‘O que está acontecendo?’ O Coronel se levantou, veio na minha direção e disse: ‘Lamar, você tem de ir a Memphis se encontrar com Vernon. Elvis morreu.’”

Tristeza de pracinha



Um soldado relutante e com o empresário Tom Parker.

1958 Começa o serviço no Exército.

1959-60 Conhece Priscilla Beaulieu na Alemanha. O filme *Saudades de um pracinha* é lançado e o disco *It's now or never* alcança o primeiro lugar nas paradas.

1961 Depois do *show* em março, passa oito anos só fazendo filmes – num total de 31 na carreira.

Fike ficou arrasado, mas não surpreso. Havia meses que o artista mais famoso do mundo mal conseguia encontrar o caminho até o microfone. Durante um *show* em Baltimore, Elvis abandonara o palco por 30 minutos. “No fim”, publicou a revista *Variety*, “não houve aplausos, e os patrocinadores saíram balançando a cabeça e especulando sobre o que haveria de errado com ele.”

O próprio Elvis tinha uma idéia. Não muito tempo antes, convidara o compositor Ben Weisman para ir à sua suíte em Las Vegas. Com o rosto inchado, Elvis sentou-se ao piano. “Ben”, disse ele, “há uma canção que eu adoro, *Softly as I leave you*. Ela não fala de um homem que sofre por uma mulher. Fala de um homem que vai morrer.”

O Coronel tivera provas irrefutáveis do estado de Elvis em 21 de maio de 1977, em Louisville. Larry Geller se encontrava no hotel, na ante-sala da suíte de Elvis, esperando que o Dr. Nick terminasse de ministrar as drogas que transformavam um homem doente e letárgico num artista cheio de energia. De repente, bateram forte à porta. Quando Geller atendeu, viu-se diante de Tom Parker, apoiado na bengala, muito irritado. Geller espantou-se: não era costume de Parker ir aos aposentos privados de Elvis du-

rante uma turnê. “Onde está ele?”, exigiu saber o Coronel. Geller respondeu que ia avisar Elvis de que ele estava ali. “Não, eu vou entrar”, disse o Coronel rispidamente, esbarrando em Geller ao passar.

Parker abriu a porta e deparou com uma cena chocante: Elvis, gemia, semiconsciente, enquanto o Dr. Nick tentava desesperadamente ressuscitá-lo. Primeiro, Geller sentiu um aperto no coração; depois o aperto virou alívio: enfim o Coronel via Elvis em sua pior forma. O astro nunca estivera tão dopado e tão doente. Decerto agora o Coronel ia interromper as turnês e providenciar tratamento. No entanto, em vez disso, Parker saiu do quarto aos gritos. “Preste atenção!”, berrou para Geller, golpeando o ar com a bengala. “O que importa é que ele tem de estar naquele palco esta noite!”

Geller ficou horrorizado. Como alguém podia ser tão desumano? Era o que Lamar Fike se perguntava agora, naquele 16 de agosto, depois de o Coronel dar a notícia da morte de Elvis tão friamente. “Eu perguntei: ‘É assim?’”, recordou Fike. “E o Coronel respondeu: ‘É, é assim.’ Então eu disse: ‘Bom, demorou, mas o senhor finalmente o matou de tanto trabalhar.’”

Parker o enfrentou: “O que você disse?”

Fike estava determinado: “O senhor ouviu. Ele não agüentava mais.”

Enquanto os fãs mais devotados iniciavam uma peregrinação a Memphis, partindo de todos os pontos do globo, o Coronel fez uma reserva de avião, não para o Tennessee, mas para Nova York. Lá, teve uma reunião na RCA, gravadora para a qual seu cliente havia vendido mais cassetes e discos do que qualquer outro artista na história. Prevendo, corretamente, que em 24 horas todos os produtos relacionados a Elvis estariam esgotados nas lojas dos Estados Unidos, Parker pressionou a RCA para contratar as principais fábricas a preços mais altos – passando à frente de outras encomendas –, a fim de manter a rica torrente de discos de Elvis. Em seguida, reuniu-se com um licenciador, para fechar negócio envolvendo outros produtos associados ao cantor. Só então viajou para Memphis, para o funeral de Elvis, em 18 de agosto, com os helicópteros da imprensa circulando no céu e o canto estridente e monocórdio das cigarras enchendo o ar úmido.

"O SHOW MAIS INCRÍVEL"

TOM PARKER, O HOMEM QUE LEVOU Elvis às multidões, aprendeu a arte da trapaça em sua cidade natal, Breda, na Holanda. Nascido em 1909 e batizado Andreas Cornelis van Kuijk, o menino conhecido como Dries de-

se envolveu uma verdadeira fascinação por feiras e circos. Aos 9 anos, começou a trabalhar num circo, fazendo vários serviços: carregava água, cuidava dos animais e, quando ficou um pouco mais velho, convocava o público por um megafone.

Depois de abandonar a escola na 5ª série, Dries foi ajudar o pai em seu trabalho de cavalaria. Não ficou por lá muito tempo. Inquieto, o garoto trabalhou nos barcos do porto de Roterdã e, em 1927, viajou para Hoboken, New Jersey, onde foi viver com uma família holandesa. Mas logo começou uma vida nômade, perambulando pelos Estados Unidos antes de voltar a Breda. Um dia, em maio de 1929, Dries não apareceu no navio em que trabalhava. Semanas se passaram até que a família recebeu uma carta misteriosa, dizendo que ele havia partido, mas sem dar detalhes de seu paradeiro. Os bilhetes que se seguiram eram assinados “Andre” ou “Thomas Parker”.

“Ele mudou de identidade”, disse sua irmã Marie. “Queria se manter incógnito.” Mas onde estava Dries? E quem, afinal, era aquele tal de Tom Parker? A família só teve a resposta 30 anos depois. Àquela altura, Parker ingressara no Exército americano, desertara, fora hospitalizado com distúrbios psicológicos e reformado. Reapareceu como empresário de talentos, e com o título honorário de “Coronel”.

Durante algum tempo, Parker cuidou da carreira do cantor popular Eddy Arnold. No entanto, quando Arnold o demitiu em 1953, Parker, desesperado por um novo cliente de peso, começou a prestar atenção no jovem Elvis Presley. Muitos reclamam para si o mérito de ter falado ao Coronel sobre o inflamável cantor que, em fins de 1954, apresentava-se num programa de rádio transmitido da cidade de Shreveport. É provável que as apresentações de Elvis na cidade e em turnês pelo Texas tenham feito tamanho sucesso que Parker começou a ouvir falar dele tanto por Ernest Hackworth, disc-jôquei de Texarkana, como por Gabe Tucker, ex-integrante da banda de Eddy Arnold.

O que realmente despertou o interesse de Parker, porém, foi o relato de seu velho amigo Oscar Davis. Logo depois de escutar no rádio uma das primeiras gravações de Elvis, *Blue moon of Kentucky*, Davis foi assistir ao *show* do adolescente numa espelunca de Memphis. O lugar estava lotado de mulheres histéricas. Davis contou a Parker: “Assisti ao *show* mais incrível que se pode imaginar! Um garoto com um rebolado impressionante!...”

Os olhos do Coronel se arregalaram e, pouco depois, ele foi a um *show*

de Elvis em Texarkana. Bob Neal, que vinha agendando as apresentações de Elvis na região, evidentemente quis negociar com Parker, na esperança de que aquela “figura espalhafatosa”, como ele se referia ao Coronel, encaixasse Elvis em pequenas turnês pelos Estados Unidos.

Em 15 de janeiro de 1955, Parker foi a Shreveport para ver Elvis – que vestia terno cor de ferrugem, gravata roxa de bolinhas pretas e meias cor-de-rosa – cantar três músicas num programa de rádio. Depois disso, Parker conversou com Neal e passou a ser responsável pela agenda de Elvis. Entretanto, só depois da apresentação de maio, para 14 mil fãs, em Jacksonville, Flórida, foi que Parker se deu conta do que tinha em mãos. “Meninas, vejo vocês nos bastidores!”, brincou Elvis ao fim do *show*. Foi o bastante: cerca de metade da multidão rompeu o cerco policial e o seguiu até o camarim, tentando rasgar-lhe as roupas.

Parker agora compreendia que a popularidade de Elvis poderia ir além de tudo que ele já tinha visto. Depois de conseguir o apoio da RCA Victor e da William Morris Agency, Parker levou apenas um ano para fazer de Elvis o artista de maior vendagem da indústria de discos. O Coronel aceitou, de um licenciador de Beverly Hills, um adiantamento de quase 40 mil dólares para transformar o nome de Elvis em marca, registrando 78 artigos diferentes – de pulseiras e batons a echarpes e estatuetas fosforescen-



Garotas,
festas
e rock

Nos sets de
*Prisioneiro do
rock*, à esquerda,
e *Viva Las Vegas*,
com Ann-
Margret.

1964 Filma *Carrossel de emoções* e *Louco por garotas*, sempre sonhando com um Oscar.

1965 Recebe os Beatles em sua casa de Hollywood. “Nós o idolatrávamos”, disse John Lennon.

tes. Essa visão empreendedora rendeu cerca de 22 milhões de dólares, sem contar o que as fãs gastavam em *shows* e discos. Nenhum artista jamais tivera o impacto com que Elvis Presley explodiu em 1956. Ele estava se transformando num espetáculo da cultura *pop*. Com o tempo, viria a ser talvez o ícone cultural mais influente do século 20.

"VONTADE DE CHORAR"

A PARTIR DE JANEIRO DE 1956, Elvis se apresentou por quatro semanas consecutivas no *Stage Show*, um programa de televisão muito popular, transmitido nas noites de sábado pela CBS, para lançar seu primeiro disco pela RCA – *Heartbreak Hotel* –, que vendeu rapidamente mais de 1 milhão de cópias, continuando com a média de 70 mil cópias por semana. E, depois que 82% de todos os aparelhos de TV americanos sintonizaram o programa de auditório *The Ed Sullivan Show*, no dia 9 de setembro de 1956 – a primeira de três participações de Elvis –, o Coronel pôde se vangloriar de que, desde que passara a ser seu empresário, o preço da apresentação de Elvis disparara. Se antes ganhava 300 dólares por uma noite, agora Elvis recebera 50 mil dólares pelas três aparições no programa de Ed Sullivan, o que fazia dele um dos artistas mais bem pagos da TV. (Mais tarde, Elvis ganharia mais de 2,3 milhões de dólares numa turnê, em 1977.)

E então veio a era de Hollywood. Parker já estava de olho na “telona”, não apenas para maximizar os talentos de Elvis ou torná-lo rico e famoso além de qualquer expectativa, mas para tornar-se poderoso. Após agendar *shows* de Elvis em teatros controlados pela Paramount na Flórida e ao longo da Costa Leste – que foram um enorme sucesso –, o Coronel iniciou as negociações preliminares com os estúdios da Paramount, que resultaram num teste em março de 1956. Elvis representou duas cenas dramáticas de *Lágrimas do céu*, filme que o produtor Hal Wallis estava prestes a fazer com Burt Lancaster e Katharine Hepburn. Num número musical, Elvis cantou em *playback* seu novo sucesso, *Blue suede shoes*, enquanto tocava uma guitarra cenográfica. Quando os executivos da RCA assistiram ao teste em Nova York, ficaram impressionados. Presley demonstrava uma surpreendente naturalidade ao atuar e, numa cena de amor, uma sinceridade que lembrava o trabalho de James Dean ou Marlon Brando. “Não se falava em outro assunto”, contou um executivo.

O primeiro filme de Elvis, *Ama-me com ternura*, estreou em 15 de no-

Um homem de família



Em cena, 1968
(à esquerda),
e com a família,
1970.

1967 Em 1º de maio, casa-se com Priscilla, em Las Vegas. A filha, Lisa Marie, nasce em fevereiro de 1968.

1968 Faz o primeiro de seus três especiais para a TV.

1969 Um *show* de quatro semanas em Las Vegas quebra recordes de público. A canção *Suspicious minds* chega ao primeiro lugar da *hit parade*.

vembro de 1956, no Paramount Theater de Nova York, cuja fachada exibia uma figura recortada do astro, com 12 metros de altura. Cerca de 2 mil fãs de todas as idades formaram uma fila que dobrava quarteirões.

Parker, que organizara o evento como um golpe de publicidade, dava um conselho aos operadores dos cinemas: “Esvaziem a sala ao fim de cada sessão.” Com o sucesso comercial do filme – que pagou seus custos em uma semana –, Parker aumentou as cifras do contrato para o segundo filme de Elvis, *A mulher que eu amo*. Eles formavam uma equipe: Presley entrava com o talento, e Parker, com engenhosidade, convertia esse talento numa das carreiras mais espantosas do *show business*.

Mas nem tudo ia bem com Elvis. O astro de 21 anos dizia aos repórteres que a histeria em seus *shows* lhe dava “vontade de chorar”. Tudo à sua volta crescera muito depressa. E agora o Exército falava em convocá-lo. No Domingo de Páscoa de 1957, Elvis disse ao pastor de sua igreja, reverendo James Hamill: “Sou o homem mais infeliz que o senhor já viu.”

Mas o Coronel só queria saber de negócios. Concentrado em tirar o máximo proveito do serviço militar de Elvis em termos de popularidade, em meados de 1956 Parker havia começado a enviar uma série de cartas ao Pentágono. Quando, no fim de 1957, veio a notícia da convocação, o

acordo estava selado: dois anos de serviço e uma licença de 60 dias para que Presley filmasse *Balada sangrenta*, que viria em seguida a *O prisioneiro do rock'n roll*.

Assim, em 24 de março de 1958, com um sorriso cansado no rosto e um paletó xadrez de cores berrantes, o recruta mais famoso do mundo se apresentou para o alistamento em Memphis. Beijou a mãe, abraçou o pai e subiu no ônibus, deixando para trás tudo o que conhecia.

CADA VEZ MAIS DEPENDENTE

EM FORT HOOD, TEXAS, Elvis tinha um sonho recorrente: quando deixava o Exército, tudo havia desaparecido – canções nas paradas, fãs na platéia. Ele pediu ao amigo Eddie Fadal, um ex-disc-jóquei que o recebeu em sua casa, em Waco, que o ajudasse a obter alguns remédios, estimulantes para o dia e tranqüilizantes para dormir. Foi fácil. “Meu pai conhecia todos os médicos da cidade”, contou a filha de Fadal, Janice.

Por muito tempo Elvis roubara comprimidos de dieta da mãe, Gladys. Quando a saúde de Gladys começou a se deteriorar por causa de uma hepatite, e ela morreu em agosto de 1958, aos 46 anos, Elvis ficou inconsolável. Solitário e ansioso, logo deu os primeiros passos rumo ao terrível vício em medicamentos, auxiliado por médicos e amigos ao longo dos anos.

Depois que Elvis embarcou para a Alemanha, o Coronel lhe escrevia longas cartas, contando-lhe sobre seus esforços para manter seu “nome em alta” e tentando levantar o ânimo do cantor. Parker relatava maravilhas. Muito trabalho, combinado a diversas ações promocionais – cerca de 3 milhões de dólares arrecadados apenas com *souvenirs* –, acabaria por se traduzir numa receita maior em 1958 do que no ano anterior, embora Elvis estivesse servindo. Parker também estava concluindo, com a Paramount e a 20th Century Fox, a negociação de lucrativos contratos para novos filmes.

Em 3 de março de 1960, a saída do sargento Elvis Presley de Fort Dix foi saudada com a fanfarra normalmente reservada à volta de heróis de guerra. A banda tocou a *Valsa da despedida*, enquanto ele se encaminhava para uma limusine, sorrindo para os *flashes*. Mais bonito do que nunca, com o rosto magro e bem desenhado, Elvis brincou com algumas fãs adolescentes que conseguiram atravessar a multidão.

Na verdade, o passageiro estava um tanto sedado, pois passara a maior parte da noite anterior com uma nova namorada, Priscilla. O Elvis aparen-

temente conservador voltara da Europa como um homem mais libertino. Sua familiaridade com os comprimidos, sobretudo com os estimulantes, havia se tornado obsessão, e ele falava até em comprar uma farmácia, só para ter um suprimento constante.

Agora, filmes, discos e *shows* de Elvis pipocavam um atrás do outro. Entre os filmes, estavam: *Saudades de um pracinha* e *Estrela de fogo* (1960), *Coração rebelde* e *Feitiço havaiano* (1961) e *Em cada sonho um amor*, *Talhado para campeão* e *Garotas! Garotas! E mais garotas!* (1962). Logo depois que Priscilla foi viver com Elvis em Memphis, no início de 1963 – uma união aprovada pelo padrasto dela, capitão da Aeronáutica –, a adolescente começou a aprender o protocolo das drogas que lhe permitiam participar do mundo de Elvis, que trocava os dias pelas noites. Ela não foi a única a perceber que o comportamento de Elvis, alimentado por um perene rio de comprimidos, estava se tornando inconstante. Ele tinha explosões de humor, e uma noite perdeu o controle e chorou, dizendo que se sentia prisioneiro de seus filmes superficiais, chamando-os ironicamente de “guias de turismo”, por suas locações quase exóticas. Emagrecendo a cada filme, começou a apresentar sangramentos nasais nos *sets* de filmagem, causados pela ansiedade.

Os dias finais



Uma das últimas apresentações (à esquerda) e uma foto inédita de Ginger Alden, 1978.

1972 Faz quatro *shows* com lotação esgotada no Madison Square Garden, Nova York, com ótima crítica. Elvis e Priscilla se separam.

1973-1976 Com a saúde debilitada, Elvis é levado várias vezes ao hospital.

1977 O Rei morre aos 42 anos.

Nas gravações no estúdio, ele mal conseguia ocultar o desconforto em relação às músicas açucaradas que recebia para gravar, como *(There's) No room to rhumba in a sports car* e *Petunia, the gardener's daughter*. Elvis estava constrangido pelos filmes medíocres que vinha fazendo em Hollywood, enquanto os Beatles, que o visitaram em agosto de 1965, capturavam a cultura pop americana.

As constantes frustrações cobraram seu tributo. Nos anos 70 – mesmo depois do casamento com Priscilla e do nascimento da filha, Lisa Marie –, a “dieta de remédios” de Elvis para as turnês era tão específica que o Dr. Nick a prescrevia em seis etapas.

Aos olhos do público, Elvis estava apenas doente. Em 1975, seus problemas físicos incluíam coágulos sanguíneos, hipoglicemia e aumento do coração. Seu fígado tinha o dobro do tamanho normal, e o intestino estava distendido. Seu peso, por causa da alimentação pouco saudável e dos tranqüilizantes, havia subido de 80 quilos para 110 quilos em três anos, fato que ele tentava disfarçar usando macacões escuros e cintas elásticas. Elton John, ao visitar Elvis uma vez, viu de forma clara a situação. “Havia dezenas de pessoas à sua volta, supostamente cuidando dele”, disse o músico. “Mas ele já estava parecendo um cadáver.”

PRESO NUMA ARMADILHA

NO INÍCIO DA CARREIRA, Elvis confidenciara ao amigo Larry Geller que se sentia “escolhido”, mas não sabia por quê. “Sempre senti a presença dessa mão invisível guiando minha vida, desde que eu era menino”, disse ele. “Por que fui escolhido em meio a milhões de vidas para ser Elvis? Tem de haver um motivo.”

Geller tentara ajudar Presley em sua busca espiritual, indicando-lhe leituras e lhe dando conselhos. A certa altura, Elvis disse ao amigo que queria largar o *show business* e fazer algo importante da vida. “Sério, Larry”, pediu Elvis, “quero que você encontre um mosteiro para mim.”

Geller reconheceu a sinceridade de Elvis, mas argumentou: “Você tem a maior carreira na história do *show business!*”, disse-lhe Larry. “É uma lenda viva! Você é Elvis!” As palavras de Geller foram direto ao alvo. “Ele abriu aquele belo sorriso e disse: ‘Bom, para ser sincero, não consigo imaginar Priscilla e eu num mosteiro, varrendo folhas.’”

Anos mais tarde, quando Elvis precisava desesperadamente de descan-

so – o divórcio de Priscilla parecia ter minado sua determinação e aberto o caminho para uma nova rodada de abuso de drogas, dizem os amigos –, Geller sugeriu alimentos e vitaminas para fortalecer seu sistema imunológico. Em março de 1977, Elvis decidiu tirar férias e se recuperar. Prometeu outras mudanças em sua vida. “Ele estava decidido a demitir o Coronel”, contou Geller, ao recordar o que Elvis lhe confidenciara: “Larry, prometo a você que é isso que vou fazer.” Ele disse que ia cuidar do assunto até o fim do verão. Mas a chance de se libertar nunca chegou.

Após a morte de Elvis, o Coronel continuou a administrar seus bens durante algum tempo. Em setembro de 1978, organizou um festival para fãs, o “Always Elvis”, no Las Vegas Hilton, em cujo saguão ele, Vernon e Priscilla inauguraram uma estátua de bronze do astro, em tamanho natural. Entretanto, com a morte de Vernon Presley em junho de 1979, o Coronel saíria de cena. Após uma série de processos e acordos, Priscilla Presley, em nome de Lisa Marie, principal beneficiária de Elvis, nomeou uma diretoria para multiplicar a renda de um dos nomes mais famosos do planeta. Graceland viria a gerar uma receita de 15 milhões de dólares por ano, só em ingressos, e as vendas dos artigos com o nome de Elvis chegaram aos 37 milhões de dólares por ano em 2002, de acordo com a revista *Forbes*.

O jornalista britânico Christopher Hutchins entrevistou Tom Parker em 1993, quatro anos antes da morte do velho empresário. Elvis não era o filho que o Coronel nunca teve?, provocou Hutchins. “Tenho de ser honesto”, respondeu Parker. “Nunca o vi como filho. Mas ele foi o sucesso que eu sempre quis.”

LEGENDAS DE CARTUNS

Um cachorro para outro: “E se a mão que alimenta for surpreendentemente saborosa?”

PETE MUELLER, Back

Homem ao colega: “Temos o *e-mail* dele, o fax, o *pager* e o celular, mas nenhum motivo para fazer contato com ele.”

LITZLER em *The Wall Street Journal*

Um homem para o outro, no bar: “Minha mulher acha que eu ponho o futebol antes do casamento, mas acabamos de comemorar nossa terceira temporada juntos.”

RANDOLPH no *National Enquirer*

